

FEIRA DE ARTE E
ANTIGUIDADES

APA

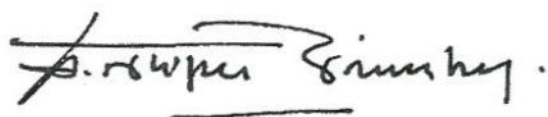
O Museu e o Mercado: do comum fascínio pelo objecto

A presença institucional do Museu Nacional de Arte Antiga, pelo segundo ano consecutivo, naquela que é a grande feira anual de arte e antiguidades de Lisboa – por cujo intermédio a cidade e o País se integram no grande palco internacional da actividade antiquarial e artística –, organizada pela Associação Portuguesa dos Antiquários sob a sua própria chancela institucional, tem o sabor inquestionável que sempre se evolva do saudável reatar das tradições interrompidas. Como sempre sucede, na verdade, isto assim feito, a todos se afigurará assim ter sido sempre, atentos os escopos e missões que a ambos definem e as afinidades que partilham. É peculiar, decerto, que semelhante diálogo alguma vez se houvesse interrompido.

Tais afinidades nascem, obviamente, da paixão comum pelo objecto e pela sua história. Uma paixão que, no certame, flui de entre as pregas da sua natural volatilidade e que, no museu, se expressa na construção de um puzzle narrativo e ambicionadamente ilustrativo e demonstrativo da integração dos objectos na História, enquanto disciplina, codificando sistemas formais e de produção. O museu integra na sua missão funções normativas e codificadoras que são por natureza alheias à função do mercado e à feira como evento. E pertence-lhe, por natureza, a missão cimeira de credenciar o que alberga e exhibe.

Não obstante, é por natureza sempre parcial a visão que estabelece em relação à produção artística, historicamente entendida, por depender estreitamente dos avatares da sua constituição e gestação. Nesse sentido, vive e constitui-se (e particularmente cresce) a partir de objectos que, em boa parte, um dia passaram pelo mercado. Não pode, pois, viver à sua margem. Mas, sobretudo, é o próprio mercado, na sua necessária regulação (de outro modo dito: na sua imperativa creditação), que encontra no labor do museu e dos que nele operam âncora objectivamente indispensável: do mesmo modo que o antiquariato, enquanto actividade reflexiva que igualmente é, contribui poderosamente (num plano necessariamente informal, mas de igual modo mais ágil pela velocidade de circulação de objectos que estimula) para a diuturna evolução do conhecimento, de que o museu igualmente beneficia no seu próprio campo de acção.

A ambas as áreas, pois, é inerente esse fascínio pelo objecto, enquanto fragmento temporal. Actividades incontrovertidamente inconfundíveis, como são, museu e mercado são, todavia, de igual modo claramente complementares, numa interdependência que assim pedagogicamente se demonstra: com a cristalina transparência que a todos importa. O simbolismo da presença institucional do MNAA, com a força exemplar que lhe é própria, isto mesmo tão somente afirma. E, ao repetir-se, eloquentemente reafirma. Para isso serve a tradição.



António Filipe Pimentel
Director do Museu Nacional de Arte Antiga